



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

Redação, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 49 — LISBOA

Numero avulso, 1500 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHA ADJACENTES E H.P.S.
PANHA: Trimestre 13500. Semest. 26500
ANO 52500 — COLONIAS PORTUGUEZAS:
Semestre 28550. Ano 57500. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36500. Ano 72500.

ORA POR TÃO POUCO DINHEIRO
TANTA COMODIDADE!..
JÁ POSSO LÊR Á NOITE SEM QUE
ME DOAM OS OLHOS!



Santa Justa, 87

Bebam Agua
DE
—S. Marçal—
TELEF. C-1566



Venda em todas as Pharmacias

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
—EM TODOS OS GENEROS—

Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 49 — LISBOA



“VITAMINA,”

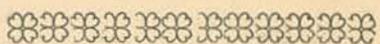
Alimento biologico completo

“VITAMINA,”

é indispensavel a todos os que conso-
mem alimentos esterilizados (leite,
farinhas, conservas, etc.), por conse-
quencia privados das vitaminas ne-
cessarias á sua assimilação

Estab leem ntos ALVARO CAMPOS

Séde—R. Garrett, 103-1.º—Lisboa
Filial—R. Sá da Bandeira, 90-1.º
PORTO



COMPANHIA

DO

PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de responsabilidade
limitada

Accões.....	300,000\$00
Obrigações.....	294,220\$00
Fundo de reserva e amorti- sação.....	380,000\$00
Escudos.....	1021,220\$00

SÉDE EM LISBOA. Proprietaria das fa-
bricas do Prado, Marlanala e Sobreirinho
(Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Lou-
zã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha), ins-
ta-ladas para uma produção annual de 6 mi-
lhões de quilos de papel e dispo-
no dos maquinismos mais aperfeiçoados para a
sua industria. Tem em deposito grande
variedade de papeis de escrita, de impres-
são e de embrulho. Toma e executa pron-
tamente encomendas para fabricações es-
peciaes de qualquer quantidade de papel
de maquina continua ou redonda e de fór-
ma. Fornece papel aos mais importantes
jornaes e publicações periodicas do paiz e
fornecedora exclusiva das mais impor-
tantes companhias e emprezas nacionaes—
Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua
da Princeza, 276. PORTO, 49, rua de
Passos Manuel, 51.—Endereço telegrafico
em Lisboa e Porto:—Companhia Prado—
N.º telef. Lisboa, 665. Porto, 117.

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dor corôas
d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.



Os dois onze, espanhol (à esquerda) e portuguez (à direita) antes da cerimonia da troca dos ramos entre os seus capitães

TODOS OS "SPORTS"

MAIS uma grande victoria para o *foot-ball* nacional, que tem conseguido, nestes ultimos tempos, mercê de extraordinarios esforços individuaes, marcar francamente um logar de destaque no campo internacional.

Depois da derrota infligida aos galegos, o desafio Lisboa-Madrid foi esperado ansiosamente, mas, confessamos que as melhores expectativas foram excedidas pelo magnifico resultado obtido.

Os homens de Lisboa portaram-se de molde a serem dignos dos maiores elogios. Na tarde do dia 3, os onze rapazes dos diversos regimentos de Lisboa, que constituiram a nossa seleção, empregaram-se a fundo com um *elan*, que, quasi estamos em afirmar, só os portuguezes sabem ter, com uma energia admiravel vencendo porque era preciso levantar alto o nome da Patria, e não porque o seu jogo fôsse superior ao dos adversarios.

O esforço do *onze* portuguez foi admiravel, como admiravel foi a sua maneira de jogar leal e correcta.

O grupo espanhol soube perder com nobreza, jogando com muito mais correção que os seus compatriotas da Galiza.

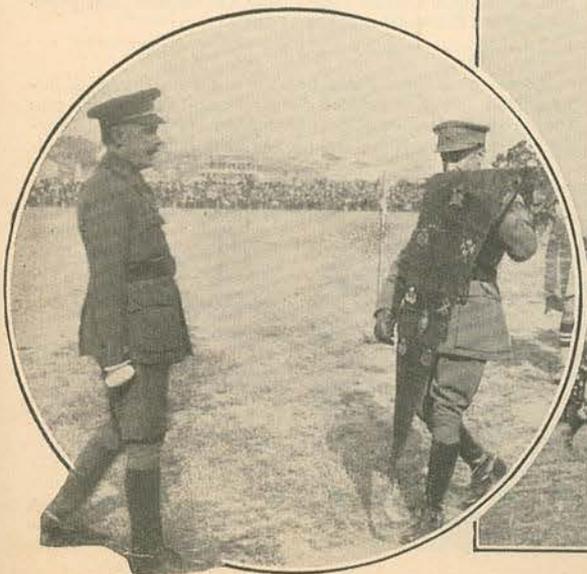
A manifestação que o publico fez, no final do encontro, a vencedores e vencidos foi delirante para aqueles e carinhosa para estes.

Ao valoroso grupo representativo da seleção militar de Lisboa levantamos um grande — *bravo!*

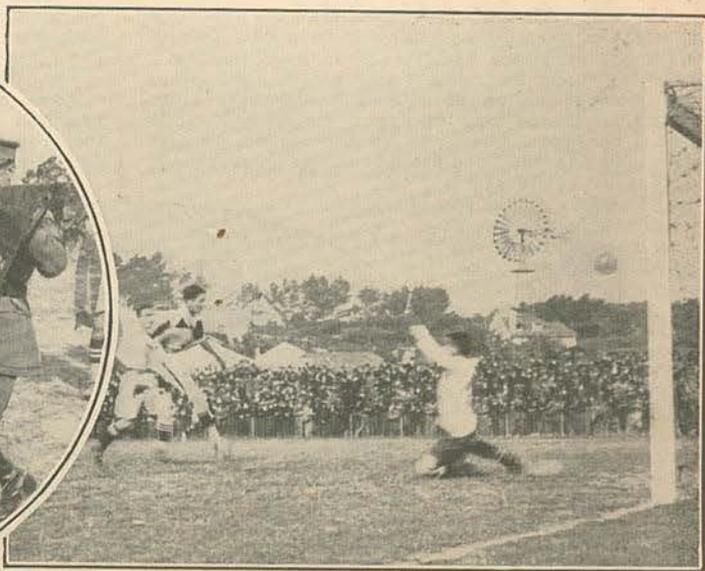
Aos jogadores hespanhoes que constituem a seleção militar de Madrid retribuimos as suas amigaveis saudações:

Viva a Espanha!
Viva o exercito espanhol!
Viva a marinha espanhola!

Os jogadores entraram no campo ás 16,20 apresentando-se o *onze* espanhol com *equipe* branca tendo no lado esquerdo da camisola as armas do seu paiz, e os portuguezes com a *equipe* branca e preta de Lisboa



A entrega do gallardete da guarnição militar de Madrid



Um dos goals da victoria: João Francisco esfuando nas redes madrienas a primeira bola de Lisboa

(Cl. Chês Salgado.)

CAPA — Camões salvando os «Lusitadas» do naufragio, quadro do pintor belga Slingeneyer

com a esfera armilar na camisola, á esquerda. A' chegada do sr. dr. Antonio José d'Almeida foram executados a *Portuguezza* e o *Hino espanhol*, ouvidos de pé pela assistencia, estando os jogadores no campo em posição de sentido. Seguiu-se a cerimonia da entrega do galardete da guarnição militar de Madrid, que foi feita pelo comandante D. Manuel Muñoz Leon ao sr. Manuel Firmino Maia Magalhães, chefe do



A assistencia ao almoço oferecido pelo adido miulltar espanhol ao general sr. Bernardino Faria, presidente da comissão dos Padrões da Grande Guerra
(Clêchê Salgado.)

estado maior da 1.ª divisão. Os dois capitães dos teams, Jorge Vieira e Juan Manzanedo trocaram dois belos ramos de flores, que depois entregaram ás esposas dos srs. ministros da Guerra e de Espanha.

O arbitro tenente sr. Neves Eugenio deu o primeiro sinal para o inicio do jogo, alinhando os dois onzez pela seguinte maneira:

Guarnição de Lisboa—Guarda-rede, Francisco Vieira; defesas, Azevedo e Jorge Vieira (cap.); meias-defesas, Fernando de Jesus, Augusto Silva e Victor Hugo; avançados, Fernando Antonio, Joaquim de Almeida, João Francisco, Manuel Rodrigues e Gomes.

Guarnição de Madrid—Guarda-rede, Candido Martinez; defesas, Ramon Olarquiaga e Juan Manzanedo (cap.); meias-defesas, Mariano Serrano, Juan Caballero e Desiderio Jagardo; avançados Manuel Posada, Santiago Bernabeu, Ramon Triana, Felix Perez e Victor del Campo.

A bola de saida coube aos espanhoes que começaram carregando, havendo aos 3 minutos de jogo um forte remate que Francisco Vieira defendeu, não obstante a bola ter tambem, batido na trave superior. Aos 5 minutos de jogo entrava a primeira bola espanhola nas redes de Lisboa, rematada pelo avançado centro de Madrid. Francisco Vieira deixou, pouco depois, escapar uma bola, que Azevedo defendeu na recarga. Os avançados de Lisboa começaram a reagir, sendo aos 25 minutos de jogo, que, depois dum remate sem resultado, João Francisco correndo com a bola, passada por Almeida, estabeleceu o empate. João Francisco foi ovacionadissimo. Foi ainda este jogador, que tendo alcançado a bola dum centro de Fernando de Jesus, a passou a Rodrigues, que por sua vez a enfiou nas redes. Com este resultado, 2-1, a favor dos portuguezes, terminou a primeira parte. Começado o segundo tempo os espanhoes sofreram um pontapé livre na area de grande penalidade, mas, sem resultado. Os madrilenos foram tambem os primeiros a marcar nesta parte do jogo,

enfiando a sua segundo e ultima bola. Uma fuga de Gomes proporcionou-lhe occasião de efectuar um bom centro, que Almeida rematou com uma cabeça conseguindo a terceira bola dos portuguezes. Martinez teve em seguida duas boas defesas. Foi João Francisco, que a algumas pessoas pareceu estar deslocado, quem entiou a quarta e ultima bola de Lisboa, rematando uma passagem de Rodrigues. Martinez fez, quasi no final do

desafio, uma boa intervenção conseguindo desarmar João Francisco, que por pouco não obtinha mais uma bola a favor do seu grupo. Terminado o encontro o publico invadiu o campo levando em triunfo os jogadores. Estes foram ao camarote do sr. dr. Antonio José d'Almeida, que muito os felicitou, aparecendo Jorge Vieira com a taça ganha, oferta do capitão general de Madrid, sendo demoradissima a manifestação que o publico lhe tributou.

Dos nossos jogadores: Jorge Vieira esteve colossal, foi uma das suas melhores tardes, o mesmo devendo dizer-se de João Francisco; muito trabalhadores Azevedo, Augusto Silva e Gomes. Francisco Vieira não esteve numa das suas melhores tardes, mas trabalhou com acerto.

Dos madrilenos salientaram-se os pontas, o meia direita, o medio centro e o guarda-rede.

A arbitragem de Neves Eugenio foi imparcial. Os cargos de juizes de linha foram bem desempenhados pelos aspirantes Pimenta e Figueiredo.

*

Inserimos hoje a fotografia do team de foot-ball association, da Faculdade de Medicina de Lisboa, que depois de ter sido batido na disputa da Taça Guilherme Ferreira Pinto Basto, alcançou uma brilhante desforra, batendo por 4 bolas a 2, o vencedor daquelle prova e actual detentor da mesma taça, o team representativo do Instituto Superior Tecnico, no novo torneio realizado entre as escolas superiores da capital.

O onze da Faculdade de Medicina de Lisboa é um bom grupo, bastante homogeneo, tendo entre os seus homens, esplendidos jogadores, explicando-se a sua classificação — quarto logar na disputa da Taça Pinto Basto, pela pouca chance com que jogou.

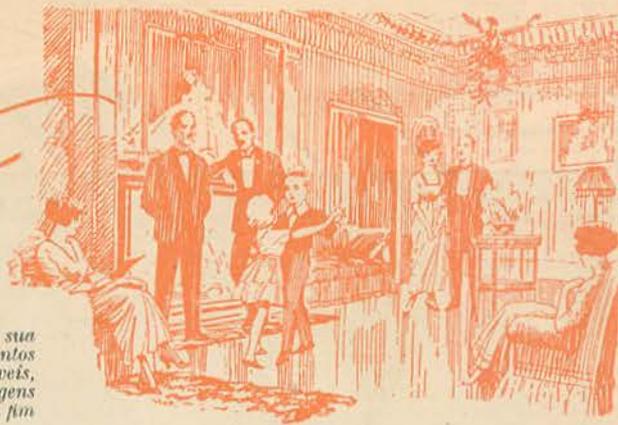
Não nos surpreendeu, portanto, o optimo resultado que conseguiu obter contra o forte team do Superior Tecnico.

D. C.



O magnifico team da Faculdade de Medicina de Lisboa, que, recentemente, bateu o do Instituto Superior Tecnico por 4-2, composto pelos srs. Picoto, guarda-rede; José Bolo e Guerra, defesas; Cavaleiro, Pimentel e Pimenta, meias-defesas; Nicolau Bellencourt, Belo Pereira, Vieira da Fonseca, Bento de Sousa e Gambôa, avançados; Filipe da Costa, suplente

O Lar



VIAJEMOS COMODAMENTE

Apesar do tempo, num ataque de caturrice propria da sua propecta idade, nos querer convencer, á força de argumentos e provas, que est mos ainda em dezembro, nós, impassíveis, continuamos a falar em casas de praia e campo, em viagens para o estrangeiro e proseguimos nos nossos preparativos a fim de pôr em prática planos de ha muito feitos.

Não é portanto falho de oportunidade o assunto de que vamos palestrar hoje.

Tratando-se de comodidade em viagem, não ha mestre melhor do que o inglez. Ele tem a sciencia de se transportar dum lado para o outro incomodando-se o menos possivel. E' de crer que, se codificasse as regras que segue, quasi inconscientemente, obteria pouco mais ou menos este resultado:

—Reduzir ao minimo a bagagem.

—Chegar a toda a parte um quarto de hora mais cedo do que a hora marcada.

—Pôr de parte uma certa quantia para suprir a que lhe ha-de ser roubada.

Seguindo a rigor estes três mandamentos do catecismo do viajante, muitas impaciencias e trabalhos nos serão poupadas. Para a mulher, ha, todavia, um deles que só muito difficilmente será cumprido: Reduzir ao minimo a bagagem..

Quando uma mulher se prepara para sair de sua casa, ainda que por poucos dias, olha em volta e parece-lhe que

tudo quanto a cerca e a que está acostumada lhe é absolutamente indispensavel quando, afinal, três quartas partes das coisas que usualmente a acompanham não lhe servem para nada. A falta que sentimos de quasi tudo que consideramos imprescindivel vem do habito e o habito é um senhor que quer a toda a força substituir a razão e que, infelizmente, consegue muitas vezes devido á nossa falta de energia; porém, com um pouco da boa vontade e esforço, a razão ficaria victoriosa.

Ora, combinem tod s as minhas leitoras apelarem para a sua razão quando regressarem da primeira viagem que fizerem depois desta palestra. Ao chegarem a casa, despejem metodicamente todas as malas e a todo o objecto que apparecer perguntem a si proprias:—Servi-me d'isto? Tinha-me feito falta se não me tivesse acompanhado? Se responderem a este interrogatorio com sinceridade, tenho um palpíte que na proxima viagem levarão muito menos volumes.

UMA DONA DE CASA ECONOMISA:

não deixando as chamas ultrapassarem a borda da panela, porque isso será apenas um inutil desperdiçar de carvão...

não pondo na chaleira mais agua da que lhe é necessaria para a ocasião.

guardando as cascas de batatas que, cortadas em bocadinhos, são esplendidas para limpar garrafas de vidro.

CONSULTORIO DE BELEZA

Contra os pontos negros e penugem:

- | | |
|---------------------------------|-------------|
| Lanolina..... | } 1 grammas |
| Unguento simples..... | |
| Chloreto de calcio liquido..... | |
| Agua oxigenada..... | |
| Enxofre precipitado..... | |

A agua oxigenada é destinada a fazer desaparecer os pontos negros, desvanecendo-os.

PENSAMENTOS

A sciencia de viver gasta as energias.

Valmy—Baysce.

A razão é sempre mesquinha comparada ao sentimento, aquela é mesquinha porque é limitada, emquanto este é infinito.

Balzac.

MENUS DA SEMANA

Domingo

Almoço

Miolo á marinheira
Peixe grelhado com al-
cachofras f itas
Café e chá

Jantar

Sopa de p pinos
Lagost m e m molho
de vinho
Filetes saltados
com salada de batata
Pudim de fruta

Segunda feira

Almoço

Carne de vaca au gratin
Arroz de linguiça
Cacau

Jantar

Sopa de Coelho
Pastelão de peixe
Coelho no espeto
com cebolas cô-adas
Pudim de gabinete

Terça feira

Almoço

Pasteis de batata
Bifes de cebolada
Chá e café

Jantar

Sopa de semula
Tigelinhos de peixe
com s lada
Carne recheada
de toucinho
Omolette de ginja

Sabado

Almoço

Peixe estufado
Bifes com puré de cenoura
Chá e café

Quarta feira

Almoço

Carne cozida com molho
de v'Ido
Ovos em caixas
Cacau

Jantar

Sopa de herbas
Filetes de peixe
com salada de tomate
Carne á jardineira
Pudim de pão e amendoa

Quinta feira

Almoço

Peixe com molho
de escabeche quente
Picado de carne
com castanhas
Chá e café

Jantar

Sopa d'ossos
Talhadas de carne
córada com couves
Carneiro assado
com molho picante
Pudim de limão

Sexta feira

Almoço

Costeletas de carneiro
na grelha
Feijão verde guisado
Cacau

Jantar

Caldo de mãos de vitela
Mãos de vitela
com ervilhas
Lingua grelhada em papel
Torta de laranja

Jantar

Sopa de farinha d'arroz
Camapés de carne e es-
pargos com molho
Carne assada nas brazas
Bolos de abobora menina

CALENDRARIO DA SEMANA

Junho—30 dias

- 10 — Domingo — Santa Margarida.
- 11 — Segunda feira — S. Bernabé.
- 12 — Terça feira — S. Adolfo.
- 13 — Quarta feira — S. Antonio de Lisboa.
- 14 — Quinta feira — S. Basilio Magno.
- 15 — Sexta feira — S. Victor.
- 16 — Sabado — S. Aureliano.

Silva Poética

Na estrada da vida

Pela verêda em flôr, do sol doirada,
Eu seguia, risonha, a alma a sonhar
Quando, na curva da florente estrada,
Começaste ao meu lado a caminhar.

E foi então ditosa essa jornada!
De mãos unidas, lábios a cantar...
Vinhã! por entre a balsa perfumada,
Invejosos alados espreitar...

Deixas-me agora só, aflita, errante,
Sem ter coragem de seguir avante
Com mêdo dos descampados que adivinho...

Vagabundo da estrada, ó caminheiro!
Se não podias sêr meu companheiro,
Porque foi que vieste ao meu caminho?!

(De um livro inédito)

Beatriz BEIRÃO.



Exposição de quadros de Eduardo Malta

NO dia 30 de maio realizou-se a inauguração, no Salão da Ilustração Portuguesa, da magnífica exposição de quadros do joven pintor sr. Eduardo Malta.

Foi grande nesse dia e consideravel tem continuado a ser nos seguintes a concorrência ao referido certamen, constituído por trabalhos na sua maioria de indiscutível valor.

Que, aliás, o artista expositor tem já os seus creditos assegurados, vindo a proposito recordar o que sobre ele escreveu recentemente Telxeira de Pascoaes o qual, por mais que se a elogioso, nunca deixa de ser justo na sua apreciação dos meritos de Eduardo Malta:

Entre os jovens pintores portugueses, Eduardo Malta é d'um grande destaque inconfundível. Um rapaz de vinte anos ainda, e já perfeito senhor, para a sua idade, d'uma arte que é das artes plasticas talvez a mais transcendente, porque consegue substituir, por processos humanos, o dom de crear figuras e paisagens, almas e coisas, como a proprio Sol do Creator.

Um rapaz de vinte anos ainda!

Vê-lo é compreender, d'algum modo, o seu estilo. O ar-

tista jámais consegue isolar-se da sua obra—só Deus! A obra de arte inpersonal não existe,—só a Creação.

Ou seja uma obra de arte ou de sciencia.

A pessoa do artista mostra a sua arte. Reparae neste joven pintor. Allo, o agro, uns olhos pretos e limpidos onde as imagens revelam o nítido recorte das suas linhas. Eduardo Malta possui uns olhos de escultor. Não tem o olhar vago dos musicos ou dos poetas sebastianistas que trabalham em nevoa as suas obras misteriosas. Eduardo Malta vê todas as formas alumadas em todos os seus relevos. Vê, não vislha. D'ahi as suas grandes facultades de retratista. Na verdade, é como pintor de retratos, como interprete da fisionomia humana, que ele se torna mais no'avel. As caras não se escondem nem transfiguram, diante d'ele. Aparecem-lhe banhadas em luz, conforme são, e o artista consegue reproduzil-as fielmente, mas sem lhe roubar ou diminuir a vida—o que acontece á objectiva fotografica e áqueles dois buracos das caveiras que foram uns olhos, n'outros tempos.

E, como toda a alma está presente nas suas materialisações exteriores, os retratos de Eduardo Malta vivem carnal e espiritalmente.

E eis tudo!



Um aspecto da exposição no Salão da Ilustração Portuguesa — Em cima o expositor (Clichés Saigado.)



A' minha afilhada
Fausta Neves Valente

BERCEUSE

Fausto Neves

Andante Moderato



A Creança



pequenita que, ha um ano, brinca no «atelier» de Clergeot, intrigava-nos muito a todos. E' claro que não duvidávamos de que ela fosse sua filha, uma filha que, aos cinco anos, por motivo que desconhecíamos, talvez com o fim de a educar a seu gosto, o artista chamava para junto de si. Mas Jules Clergeot, celibatario impenitente, character concentrado, genio assomado, não é daqueles a quem se pôdem fazer perguntas indiscretas. Quanto á governanta, de idade canonica, que lhe trata da casa, essa é muda tal qual um tumulo.

Como nos habituámos a ir fumar a nossa cachimbada, todos os domingos á tarde, ao «atelier» de Clergeot, vamos creando afeição á garotita, meiga, alegre, viva, adoravel, que, sempre que a fazemos zangar, se vae esconder nos braços do seu amigo, consolando-se assim que sente roçar-lhe na testa o rude bigode, cheiroso a tabaco, do pintor.

Porém, a semana passada, Clergeot e eu fomos jantar juntos a casa de um tipo lionez que ele descobriu. Comemos lá um paio delicioso, regado com certo vinho de Beaujolais, que nos cantava na cabeça como guizalhada alegre. Voltámos bem dispostos, de braço dado, e, ali no Boulevard Pasteur, a caminho do «atelier», Clergeot contou-me detalhadamente a historia da creança.

— Todos supõem que eu sou pae dela, hein? Não tenhas receio de m'o dizer, é tão natural! «Pois, meu velho, a bonequinha não me é nada, e se tomei conta dela foi em recordação de uma noite em que me portei com a mãe como um verdadeiro animal. De resto, todos os homens são eguaes e o melhor não vale um figo...»

Clergeot parou para acender o cachimbo, puxou tres fumaças, e, de mãos atraz das costas, caminhando lentamente, começou a sua narrativa.

— Tu, que ha vinte anos arrastas a vida pelos «ateliers» de «Montparno», conhecestes de certo uma pobre mulher que fazia desenhos de modas e de decoração, uma rapariga chamada Eugénia Maucière, não te lembras? nariz achatado, olhos redondos, cabelos ralos, dentes enormes e salientes...

— Ah! sim...

— Não devia mesmo nada á formosura, hein? Até ás oito horas, viamo-la sempre em qualquer dos restaurantes do bairro á espera de que a convidassem para jantar, porque, não sendo assim, a desgraçada que, antes da guerra, ganhava apenas com que não morrer de fome em troca de desenhos que fazia para jornaes, teria de se contentar com um triste pedaço de pão. Coitada! Tão feia que nunca terá ouvido um galanteio...

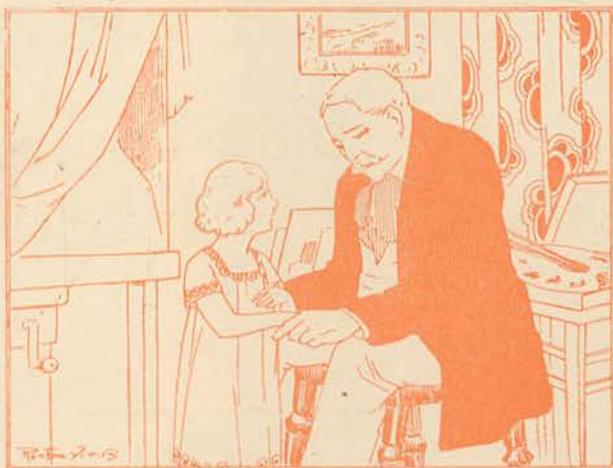
«Pois apesar disso, certa noite, quando saíamos os dois do baile Julian, fui assaltado por uma idéa extravagante de homem ebrio; quiz a toda a força leva-la para minha casa, e, vaes admirar-te, a rapariga mandou-me bugiar sem a menor hesitação. Não por virtude, oh! não, ela não podia ter esse luxo, mas razoavelmente, dizendo-me que, conhecendo-nos havia mezes, nunca

eu lhe dera a conhecer a ternura que lhe patenteava bruscamente, depois de ter bebido um pouco mais do que era meu costume.

E raciocinava muito seriamente, a pequena, dizia coisas muito sensatas. Eu, porém, seguia a minha idéa fixa e juro-te que fiquei furioso quando ela se me safou, correndo, á esquina da Avenida do Maine, para regressar a casa, um quartito mobilado da Rua de Sèvres.

Naturalmente, no dia seguinte, sempre que me lembrava da rapariga, era para dizer comigo:

Felizmente que ela foi mais razoavel do que eu. A estas horas tinha-a atrelada a mim e sem saber como descalçar a bota... Senti uma verdadeira satisfação, meu caro, ao vêr que



ela não voltava ao café onde eu ia sempre, nem ao «atelier». Que ar idiota teria achado a mim mesmo, sem saber que dizer-lhe!

Passados dias, soube que a rapariga tinha saído de Paris para trabalhar de sociedade com um modelador italiano. Boa viagem! Sem exagero, podes crer que experimentei a sensação de um grande desafio.

Já nem me lembrava dela quando, ha coisa de seis anos, depois de dois anos de ausencia, vi entrar Eugénia Maucière no meu «atelier». Em que estado! Uma desenterrada, magra e escangalhada como uma gata vadia. Só se lhe via o nariz, no rosto amarelado.

— Que cara que tu tens, exclamei. Ela então desatou a chorar. Sabes que não sirvo para consolador, mas tão grande abatimento como-veu-me. Comecei a dar-lhe pancadinhas nas costas, como quando se acaricia o pescoço de um cavallo, a fim de lhe testemunhar a minha simpatia e ouvi-lhe aos sacões, esta lamentavel confissão:

O italiano descartára-se dela numa cidade onde a pobre não conhecia ninguém. Mas ela lá se tinha aguentado desenhando vinhetas para papelarias. Comendo apenas o absolutamente preciso, dormindo em miseraveis albergues, lavando á noite a roupa que vestia de manhã, passára privações de toda a especie.

Póde alguém acaso sensurá-la por ter por fim escutado as propostas de um amator a quem vendia os pobres desenhos que tão miseravelmente lhe garantiam a existencia? Quando porém annunciou ao homem que ia ser mãe o maroto deu-lhe cem francos e meteu-a no comboio para

Paris, por temer complicações no seu «ménage»...

A desgraçada viéra vêr-me, confessando-me depois que a sua intenção era, em seguida, atirar-se ao Sena.

Quando lhe ouvi a historia não sei que diabo de idéa me atravessou a cabeça. Acusei-me, como de um crime, da conducta que tivera com a rapariga naquela noite de pandega. Pensei que a creança que ia nascer podia ser minha, se ela tivesse cedido ás minhas pretensões de homem embriagado. Queria dar a todos os homens uma lição adotando o pimpolho e disse-lhe:

— Não te apoquentes. Eu tomo conta do petiz.

Ela olhou para mim com os seus pobres olhos muito pequenos de onde transbordavam as lagrimas, e mais nada.

Dei-lhe algum dinheiro enquanto a desgraçada não entrou para a Maternidade. Depois enviei o filho para uma ama da minha terra.

A mãe morreu ha dois anos.

Como começo a estar caduco e a aborrecer-me mandei vir a pequena para junto de mim.

Lá a velhota, que de bom grado trincaria todos os meus amigos mas que gosta dos gatos, dos cães e das creanças, recebeu-a bem.

Contei-te a historia, mas não a repitas a ninguém... Toda a gente enfim admite que eu

possa ter tido a fantasia de educar uma creança que, segundo todas as apparencias, é minha filha; se porém se soubesse que ela é filha de um biltre que eu nem conheci chamar-me-hiam... matuto e rirse-hiam de mim, comprehendes?

(De Robert Dieudonné.)



Janotas???

Sejam economicos!!!

MADEIRA, alfaiate, continua aguardando as ordens dos seus estimados freguezes e amigos no LARGO DA TRINDADE, 11, 12 e 13, aonde encontram um variado sortido de FAZENDAS e secção de SAPATARIA com grande sortido de calçado

SANTOS, MADEIRA & GRILO L.^{da}

Telefone C. 487

Casa Adão

Chás, cafés, licores, champagnes, vinhos do Porto e da Madeira da antiga casa

FERREIRINHA DA REGOA

e de F. F. FERRAZ & C.^a L.^a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Loja e armazem

76. Rua dos Retrozeiros, 77 e 75-2.º

Escritorio

Rua Augusta, 70, 3.º

Telefone 1566-C.

Em honra dos mortos da Grande Guerra



O descerramento, pelo sr. Presidente da Republica, do monumento á memoria dos artilheiros mortos na Grande Guerra, solememente inaugurado no dia 5, em Vendas Novas

A consagração pela França da travessia aerea Lisboa-Rio de Janeiro



Chegada dos aviadores ao aerodromo de Cuatro Vientos (Madrid), a caminho de Paris, ás 8,40 do dia 29 de maio. Entre os dois aviadores vê-se o sr. Melo Barreto, ministro de Portugal em Espanha. (Cliché A. D. C. de Madrid.)



Chegada dos aviadores ao aerodromo de Bourget (Paris) ás 21 horas do mesmo dia, figurando entre os assistentes os srs. ministros de Portugal em Paris, Afonso Costa, Augusto de Castro, comandante Yeon, comandante de La Vaulx, etc. (Cliché M. urisse, Paris.)



A sessão solenne, no dia 31, na Sorbonne, sob a presidência do sr. Louis Barthou, no momento em que Sacadura Cabral usa da palavra, junto do grande mapa representando a travessia. (Cliché «Excelsior», Paris.)



Os aviadores á entrada da Sorbonne, vendo-se, á esquerda de Sacadura Cabral, o sr. ministro do Brasil em Paris. (Cliché «Excelsior», Paris.)

Os representantes da guarnição militar de Madrid

Chegados a Lisboa, no dia 31 do mez findo, os componentes da selecção da guarnição militar de Madrid que vieram defrontar-se com a selecção militar desta capital, no desafio de *foot-ball* que se realisou no domingo ultimo, foram, bem como os officiaes que os acompanhavam, alvo do mais carinhoso acolhimento, não só por parte dos seus camaradas portugueses, como das autoridades e do povo lisboeta.

Referindo-nos, noutro lugar, ao jogo em que tomaram parte, resta-nos apenas registar, aqui, os termos de cordealidade em que decorreu a estada durante alguns dias, entre nós, dos representantes do exercito espanhol, em honra dos quaes varios espectaculos, banquetes e excursões se realisaram e que, tendo visitado a Camara Municipal, diversos estabelecimentos militares, alguns museus, as oficinas de *O Seculo*, Cintra, Cascaes e o Estoril, foram os primeiros a confessar-se, por varias vezes, encantados com a hospitalidade portuguesa.



Os jogadores militares espanhols e portugueses por ocasião da sua visita ás oficinas de O Seculo



Os mesmos jogadores nos jardins da Legação de Espanha, vendo-se ao centro do grupo, de pé, o sr. ministro do paiz visinho

A recepção aos officiaes espanhols na Camara Municipal, representando, a nossa gravura, a leitura da saudação em nome da cidade aos referidos officiaes, pelo presidente do municipio, sr. dr. Daniel Rodrigues



Uma Página da História e de Sangue



O edificio dos Tribunaes Militares, em Santa Clara

NÃO é possível, por enquanto, falar-se do 19 de Outubro sem correr o risco de se ser acobimado de parcial. Os comentarios, por vezes acerbos e excessivos que se lhe fizeram, pró e contra, provocaram reacções de toda a especie. Dir-se-lhe que os homens, dum e de outro lado, os vencidos e os vencedores, se coligaram para evitar a análise severa da História e teimam — Ingenuos que são! — em esconder dos vindouros a man ha de sangue que estigmatizou indelevelmente a geração desorientada do nosso tempo.

Seja qual fôr, entretanto, o julzo que tenha de fazer-se acerca dos homens, uma coisa fica ao de cima de todas as paixões e resiste desgraçadamente ás mais subtis interpretações: — é essa pagina de História e de sangue que deu uma triste celebridade aos tripulantes da «camionette» fantasma. Postos de parte os homens, esquecidos os nomes, apagado o fogo das paixões, um episodio revoltante fica de pé, em todo o singular colorido e em toda a pujante hediondez que o caracterizou: é o da caçada traica, pelas sombras cúmplices da noite, em busca de homens indefezos e sua liquidação em logares publicos, diante de multidões desvalradas.

O odio floriu no sangue de inocentes. O rancor de toda uma geração ululou-o n'um momento a população que enchia, na noite de 19 de Outubro, o Largo do Pelourinho. E foi então que ela, bêbada de sangue, vendo sair o cadaver de Antonio Granjo, que o véu da morte santificava para o amor de todos os portugueses, teve ainda, na exacerbação satânica do proprio crime, depois de o ter varado a tiro e a punhal, teve ainda alma para suplicar aos maqueiros da Cruz Vermelha que o transportavam á «morgue»:

— Venham os olhos! venham os olhos! queremos uma recordação do «porco»!

Quasi á mesma hora em que isto sucedia, a «camionette» começava, só com marinheiros e soldados, a sua missão homicida. Atravessava a cidade e galgava á rua das Janelas Verdes em procura de Carlos da Maia, o marinheiro auctaz do 4 de Outubro. Os criminosos bateram a uma porta e não o

encontraram. Foram a outra — e não era ainda ali, por que se mudára. Ficaram desorientados. Onde encontrariam a presa cubicada? Entre-lharam-se surprezos.

Entretanto, dentro de casa, no fundo d'um quarto, uma senhora idosa vestia-se para saber o que queriam os marinheiros. C'belos brancos santificavam-n. Era a madrinha de Carlos da Maia e queria-lhe como se fosse seu filho. Ainda pequenino, o embalara nos braços e lhe dissera as primeiras canções de ternura. Junto do coração dela, aquelle que mais tarde fôra o commandante Maia aprendera a amar e a sorrir. E, num dia em que ele tivera necessidade de bater-se pela Republica, á frente dum punhado de bravos, foi com lagrimas que se penitenciou no seu regaço: — *Madrinha, eu não matei!*

Nesse momento em que o vinham buscar, ella, segunda mãe amantissima, não supoz que fizessem mal ao commandante. De resto, os bandidos nenhum indicio davam das suas intenções. De nte da veneranda figura dessa senhora os homens do mal compuzeram-se e, sem se atraçoarem, disseram simplesmente que queriam falar ao commandante. Confiada nas fardas dos marinheiros e no prestigio do proprio affilhado — quem poderia fazer mal ao seu menino? — ella disse, imprudentemente, sem adivinhar que trespassava o proprio coração, onde poderiam ir busca-lo: á rua Acóres.

Jubilosos, os bandidos foram. E, momentos depois, enquanto arrancavam a sua vittima dos braços do filho e da esposa, na rua das Janelas Verdes uma velhice cobria-se de luto e de amargura, no desespero irremediavel duma culpa que não tivera...

A ultima audiencia, das trinta e nove que



Palmela Arreventa



Heitor Gilman



O-Dente d'Ouro



Ciriaco Galvão Ribeiro



Mario de Sousa

(Clitêes Salgado.)

Alguns dos condemnados a pena maior

se realisaram em Santa Clara, foi a mais magestosa e a mais teatral. Naquella sala enorme, que os reposteiros vermelhos enfeitam garridamente, a reconstituição da noite sangrenta através das lagrimas e do odio deu, por vezes, scenas de dôr e de angustia tão poderosas que chegaram a perturbar os officaes investidos na alta missão de juizes. Das três mil paginas do processo dir-se-lia por vezes erguerem-se os espectros das victimas. Para que o espirito da Justiça se esclarecesse, os corações tiveram de sofrer horas inesqueciveis de amargura.

Das 2.30 de 31 de Maio ás 13.3 de 1 de Junho, os juizes estudaram as penas a applicar aos culpados. Nos calabouços do Tribunal os réus viveram, então, as suas horas mais difficéis; o temor das responsabilidades, nuns, e o horror dos proprios crimes, noutros, mergulhavam-nos nas mais cruéis abstrações. O remorso devia povoar de espectros ensanguentados, naquellas horas indecisas, as almas dos verdadeiros criminosos.

A curiosidade profissional levou-me a visitar, nessa noite, os acusados, em companhia do Ilustre defensor que era o tenente sr. Lorena Santos. Alguns prontificaram-se a falar à *Ilustração Portuguesa*; outros, como o Félix, observaram que não tinham categoria para ser entrevistados... Eis o que nos disseram os primeiros:

Abel Olímpio, o Dente d'Ouro. — Estou satisfeito por se ter provado que não sou assassino. A imprensa que me calumniara, tem sido agora a primeira a esclarecer o publico. Podem-me condemnar ou absolver, que não me importo; uma coisa é verdade no meio de tudo isto: eu não sou assassino!

E, n'uma voz enternecida:

—Ninguém mais do que eu deplora as victimas. Amava Freitas da Silva como se fora meu pae; ... se foi elle que me ensinou a ser marinheiro!

Palmeira Arrebenta. — A minha innocencia está mais do



Os jornalistas que acompanharam o julgamento (Cliché do jurado, 1.º tenente sr. Antonio José Martins)

que provada mas sou condemnado. Como não matei, os jurados *desforram-se* no crime de deserção e apanho á uns seis ou sete *antos* de prisão...

Heitor Gilman. — Continua a haver, no fim do julgamento, o que já havia no principio: a presumpção de que eu fui criminoso; mais nada. Eu andei no 19 de Outubro, mas não matei. Muita gente que está em liberdade e que devia estar presa, sabe d'isto. Sargentos da Guarda Republicana, especialmente...

—Porque não os denuncia?

—Isso é um segredo que le-varei para a cova. Mas, francamente lhe digo: se não matei Botelho de Vasconcelos foi por que não estava no Terreiro do Paço quando elle appareceu, por que os tormentos a que me submeteu e a minha mulher, no dezembrismo, não eram dignos de ficar sem castigo.

Mal pensavam elles, n'aquelle instante, que estas palavras de optimismo, horas depois, após a leitura da sentença, teriam um tão penoso travo de ironia. De resto, n'este quadro sangrento de Historia, cujo epilogo decorreu ha dias, as scenas imprevisitas multiplicaram-se. O marinheiro Ciríaco Galvão, por exemplo, de todos os réus o que mais vezes invocára perante os juizes os dotes do seu

coração e do seu caracter, gritava-lhes, em pleno tribunal, ao ver-se condemnado a 31 anos de degredo: — *Ainda hei-de beber um copo do vosso sangue!*

Momentos antes dançara e cantára alegremente com os seus companheiros, no intuito de esquecer maguas... Só o *Dente d'Ouro*, medindo a largas passadas o corredor escuro dos calabouços, alheio a brincadeiras, a cabeça escondida junto do alcache, os braços cruzados, dir-se-hia sofrer por todos, como que n'uma visão de alucinado, aquellas horas de pungente indecisão que haviam de terminar pela applicação da pena maxima...

BELO REDONDO.

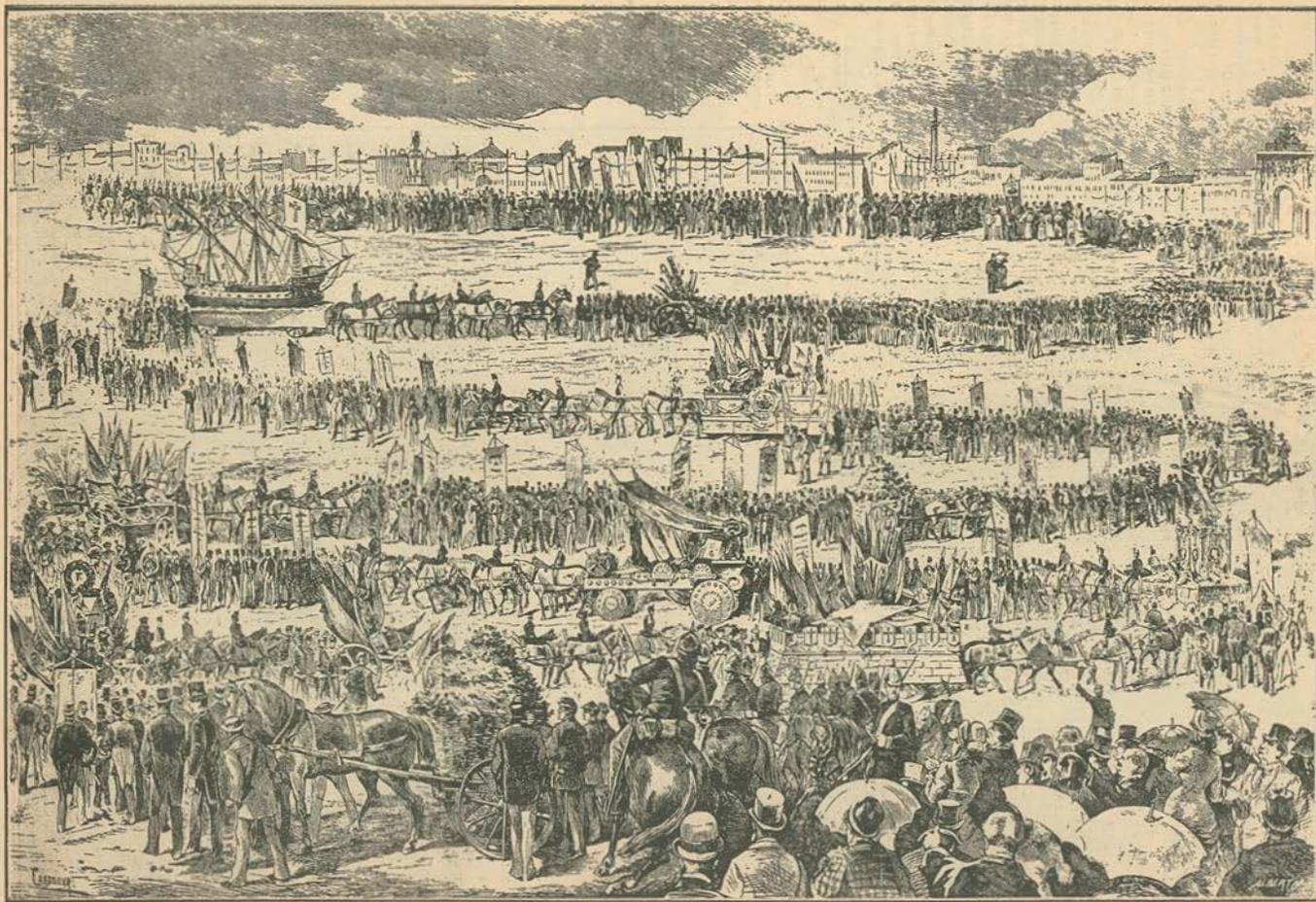


A leitura da sentença

(Clichés Salgado.)

Ha Muitos Anos...

O tricentenário de Camões



O cortejo cívico realizado em Lisboa no dia 10 de junho de 1880

(Desenho de Casanova; gravura de Alberto—O Occidente n.º 61 de 1 de julho de 1880.)

Uma Brilhante Festa Militar na Figueira

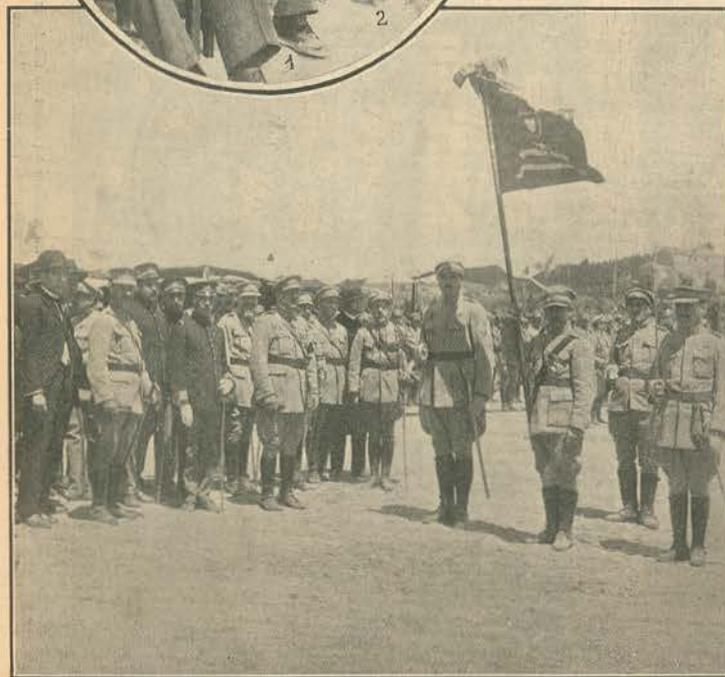


REALISOU-SE no dia 27 do m'z findo, na Figueira da Foz, no quartel do Regimento de Artilharia n.º 2, o juramento de bandeiras, decorrendo o acto com extraordinario brilho e uma assistencia de perto de 2.000 pessoas. Antes da ratificação do juramento, effectuou-se a entrega dum estandarte que a benemerita Associação Naval 1.º de Maio ofereceu ao referido regimento. Foi uma cerimonia tocante, cheia de patriotismo,

O juri das provas militares e desportivas: 1, coronel sr. Cruz, comandante de infantaria n.º 28; 2, senador, sr. Manuel Gaspar de Leamos; 3, general sr. Simas Machado; 4, sr. Antonio Augusto Esteves, delega.º da Associação Naval 1.º de Maio

à qual presidiu o general sr. Simas Machado, comandante da 5.ª divisão. Houve tambem diferentes provas desportivas para di: puta de valiosos premios, bem como algumas provas militares, merecendo umas e outras a atenção daquelle general, que felicitou os officiaes do regimento.

No estandarte oferecido pela Associação Naval 1.º de Maio collocou, o general sr. Simas Machado as insignias da Cruz de Guerra com que o regimento de artilharia n.º 2 tinha sido condecorado em França.

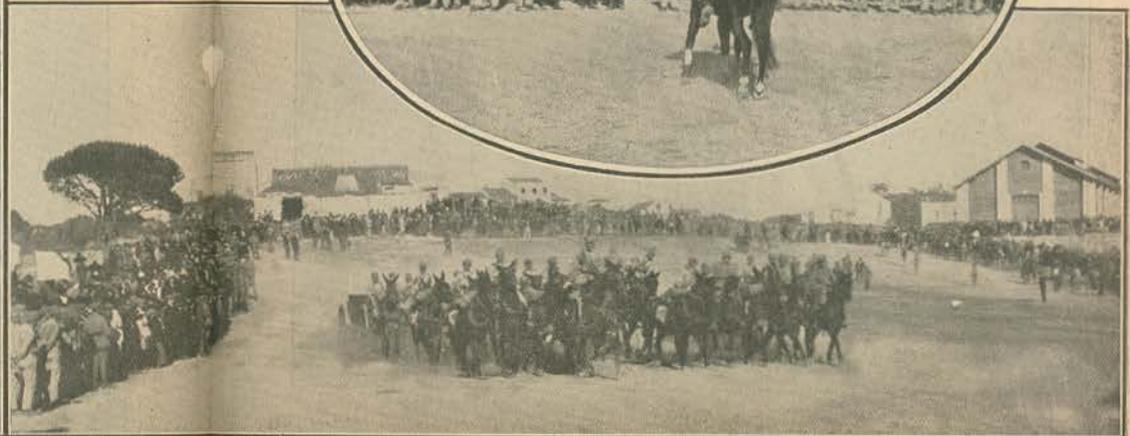


Apresentação do estandarte depois da continencia



O sr. Antonio Augusto Esteves (1) fazendo entrega do estandarte ao general sr. Simas Machado (2), A.º director do coronel sr. Carrilho, comandante do regimento.

Um episodio da lucta a cavalo.

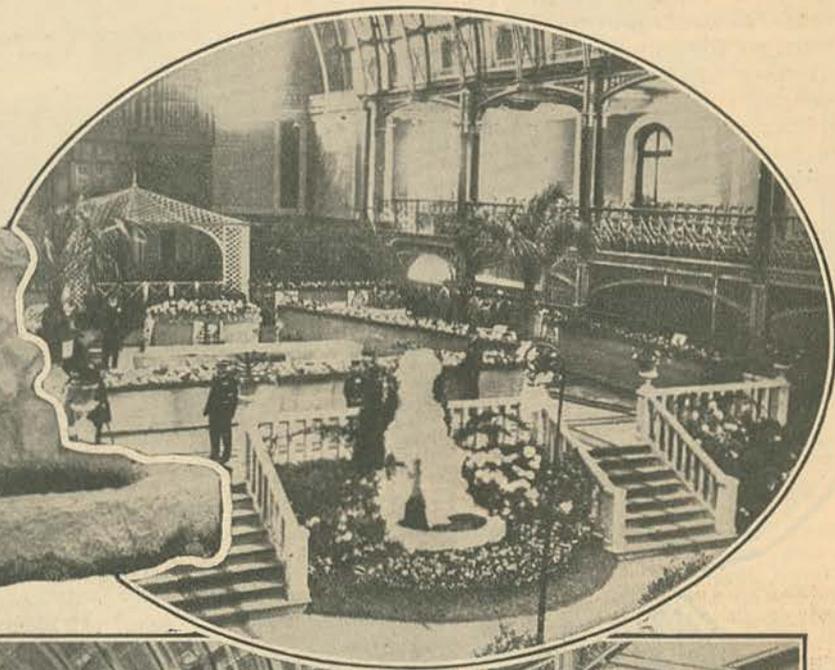


Manobras de uma divisão montada

(Clichés Joaquim Pereira Montelro.)

UMA EXPOSIÇÃO DE ROSAS, NO PORTO

Promovida pelos conhecidos horticultores e floricultores portuenses srs. Moreira da Silva & Filhos, foi inaugurada, no dia 26 de maio findo, no Palacio de Cristal do Porto, uma grande exposição de rosas cortadas e na haste. Não só o recinto, se achava encantadoramente disposto, como entre os exemplares expostos, se admiravam alguns lindissimos. Um dos elementos decorativos do referido recinto era a estatueta «A Fonte dos Amores», magnifico trabalho artistico do escultor sr. Oliveira Ferreira. Em resumo a exposição alcançou ainda maior sucesso do que costumam obter todos os certamens promovidos por aquela acreditada firma.



A Fonte dos Amores do escultor sr. José d'Alveira Ferreira

Escadaria que dava ingresso ao palco onde se encontravam expostas as rosas cortadas.

Vista geral da exposição

UMA EXPOSIÇÃO DE AVES, EM LISBOA

No dia 31, do mez findo, realisou-se a inauguração da Exposição de Avicultura, organizada pela Associação Central de Agricultura e instalada no pavilhão de exposições da Tapada da Ajuda. Assistiram ao acto o sr. ministro da Agricultura que, acompanhado pelo director geral de Instrução Agricola e director do Instituto Superior de Agronomia, foi recebido pelos directores da Associação Central de Agricultura srs. Palha Blanco, Fernandes de Oliveira e Nunes Mexia.

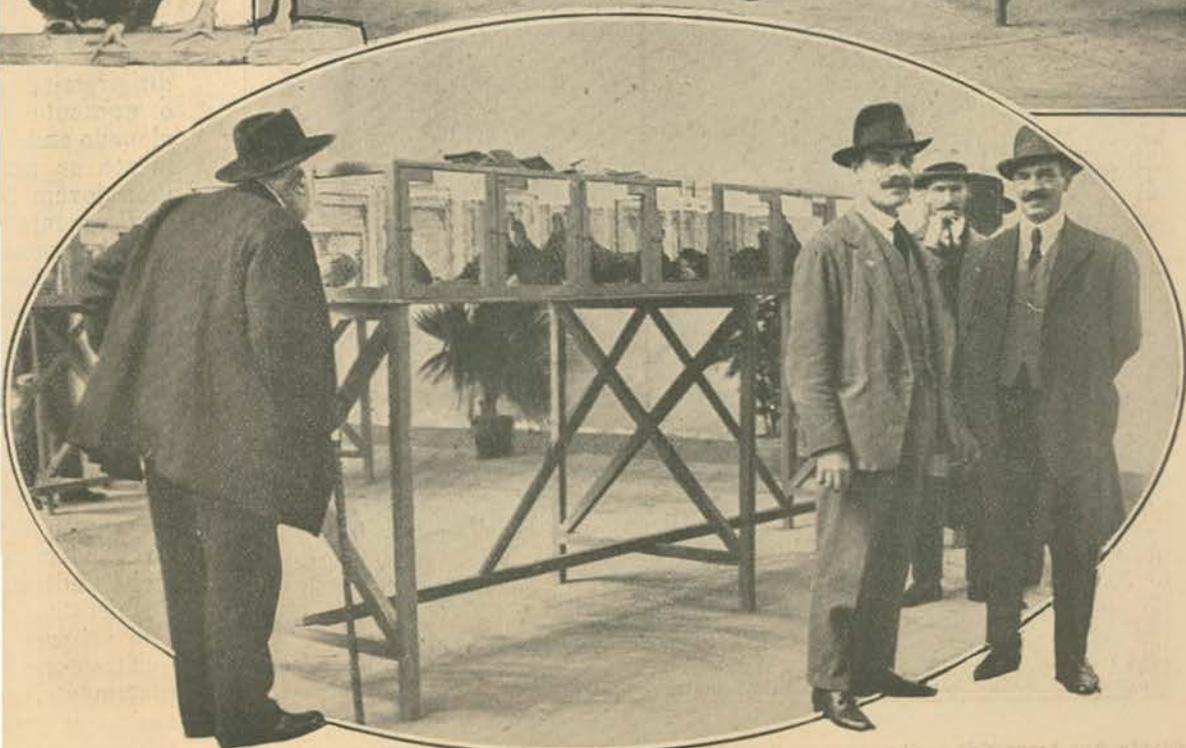
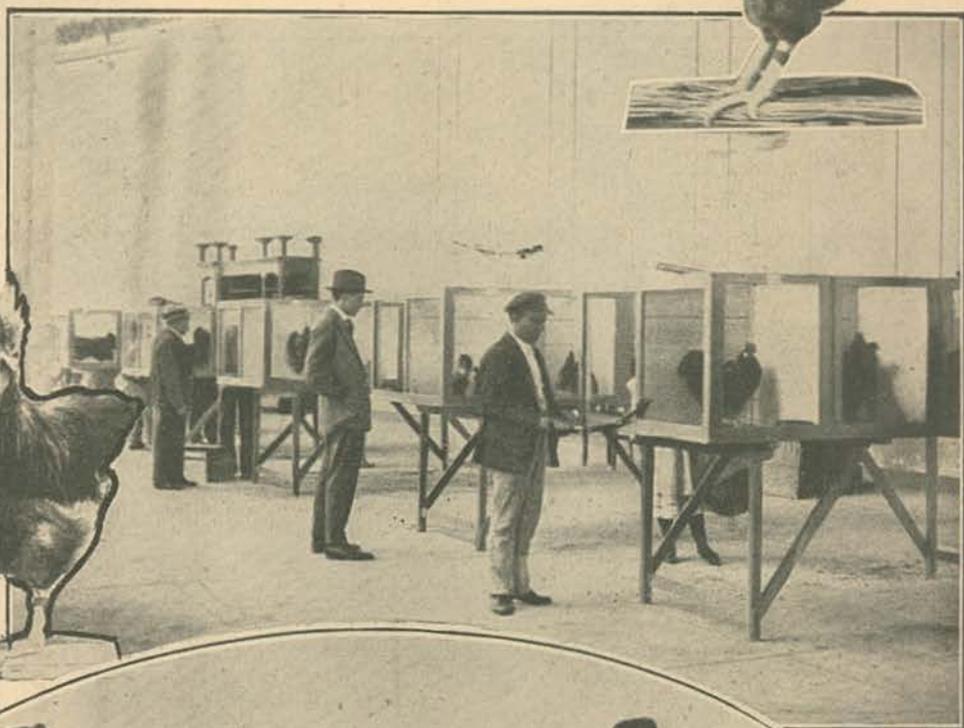
O referido certamen, em que figuraram interessantissimos exemplares de galinaceos, pombos e coelhos, foi encerrado no dia 3 do corrente, tendo tido grande concorrência de visitantes durante os dias em que esteve franqueado ao publico.

Um galo premiado com medalha de ouro



Um aspecto da exposição

Um casal de galinaceos premiados com medalha de ouro



O sr. ministro da Agricultura, visitando a exposição. A' esquerda, o sr. Palha Blanco, director da Associação Central da Agricultura

(Clichés Saillado.)

"Estrelas," e

CHARLES Chaplin, o grande comico do cinema, o Charlot querido das platéas, conta curiosas aventuras na sua vida de artista, sendo a mais recente deveras interessante.

Chaplin convidara para jantar alguns seus amigos e Pola



Edward
K. Lincoln



Violet Hopson, artista inglesa da Broadwest Film Company

Negri. Durante aquele, um creado acercou-se de Charlot e disse-lhe que uma senhora se encontrava deitada no seu quarto.

Intrigados os convidados e o proprio Charlot dirigiram-se para o aposento mencionado onde realmente se achava uma jovem loira, pudicamente deitada na cama do aplaudido comico.

— Mas o que é que isto significa? perguntou Charlot, que não se divertia nada com o caso.

— Eu adoro-te, — respondeu a jovem, sou natural do Mexico, apreciei o teu trabalho de artista, e tu, sem saberes conquistaste-me completamente, sendo assim que hoje sou tua e só tua.

Esta declaração tornou Charlot fu-

"Aze" do Cinema

ciumenta, encarregou um detective de vigiar a casa de Chaplin, impedindo o acesso ás enamoradas do seu noivo, chegando a sua vigilancia ao ponto de comprar o creado de quarto de Charlot, um japonéz, que, desde então, vela pela fidelidade de seu amo.

William
Duncan



Joan Morgan uma das maiores «estrelas» da cinematografía inglesa

rioso, tanto mais que Pola Negri o fitava, ciumenta, com os seus negros olhos de andalusa...

Charlot aconselhou a jovem a partir o que ela fez tristemente. Passado algum tempo falava Charlot sobre a scena acima descrita quando se ouviram gritos no jardim. Precipitaram-se para lá, indo encontrar a jovem deitada sobre o «gazon», aflitissima pois tentara envenenar-se com benzina. Conduzida ao hospital foi tratada com os maiores cuidados, mercê dos quaesse curou rapidamente, declarando depois, tambem estar curada da sua paixão por Charlot, que então se poderia rojar a seus pés, que nada conseguiria dela. Pola,

FIGURAS & FACTOS



Bento Carqueija

Director do «Comercio do Porto» e representante da imprensa portuguesa na reunião da Imprensa Mundial, na Suecia

Liceu de Gil Vicente

O grupo de alunos e professores deste liceu que visitaram a d'a 5.ªs Instalações de O Seculo e Ilustração Portuguesa



Dr. Mateus d'Albuquerque

Ilustre escritor brasileiro que, em transito para Bordeaux, onde é consul geral do seu país, chegou a Lisboa no dia 30 do mez findo. Autor d'alguns livros de incontestavel valor, taes como a *Mocidade de Anselmo Torres*, *Belas attitudes*, *O elizario*, etc., o sr. dr. Mateus d'Albuquerque é um entusiasta apaixonado da obra de Eca de Que rox, devendo-se á sua esforçada iniciativa a existencia, n'o Rio de Janeiro, do monumento ao nosso grande romancista recentemente inaugurado



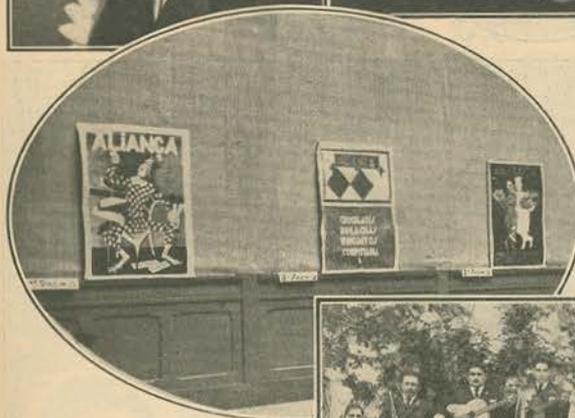
Rui Alberto

Tenor portuguez que revelou as suas espendidas qualidades de cantor na recente audição de alunos de Mme Paltares e vai para Italia completar os seus estudos



D. Violante Montanha

Ilustre cantora madeirense, discipula do professor sr. Julio Camara, que recentemente se estreou com grande successo, acompanhada pelo seu professor, no Theatro Dr. Manuel d'Arriaga, do Funchal

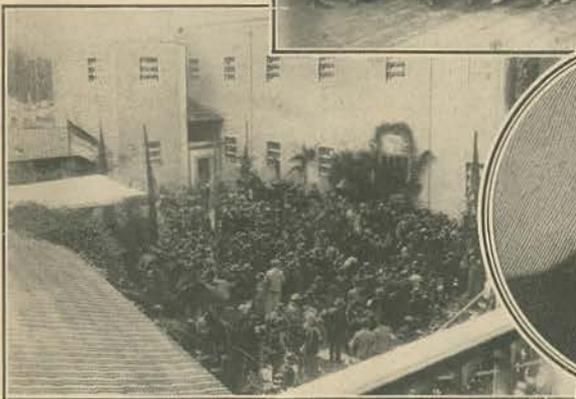


Exposição de cartazes

Os cartazes que obtiveram os primeiros premios na exposição da Sociedade Industrial Aliança, instalada na sede da Sociedade Nacional de Belas Artes: 1.º do sr. Almada Negrelles; 2.º do sr. Emerico Nunes; 3.º do sr. Carlos Coutinho

Tuna Pombalense 1.º de Maio

Que, festejando a referida data, iniciou os seus concertos no 1.º de maio, no Parque Marquez de Pombal, de Pombal



Lapide á memoria de um soldado morto em Monsanto

Com a presença do Chefe do Estado foi inaugurada, no dia 3, no quartel da Guarda Republicana, da Estrela, uma lapide de homenagem ao soldado Francisco Carneiro Alves, morto em Monsanto quando do movimento monarchico. A assistência foi avultada como pode avallarse pela gravura que inserimos

União Central de Abastecimentos

O sr. ministro da Agricultura assistido, cetero, pela direcção do União Central de Abastecimentos, á inauguração, no dia 4, do primeiro armazem de vendas da referida cooperativa, installado na rua Sousa Martins



O estrangeiro em fóco



Ernst Trygger

Novo presidente do governo sueco

O espião Schlageter
(ao centro)

Antigo oficial alemão chefe dum grupo que executava sabotagens nas linhas férreas da região ocupada pelos franceses, fuzilado por estes no dia 26 do mez findo, em Dusseldorf



De Valera

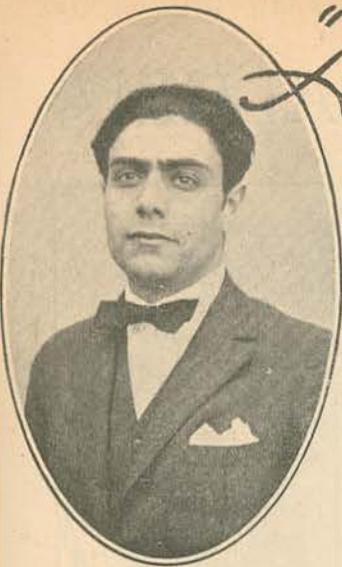
O caudilho republicano irlandez que acaba de publicar um manifesto exortando os seus correligionarios a deporem as armas

A perseguição religiosa na Rússia

A' esquerda, o arcebispo Jan Cieplak, que foi condenado a morte pelos soviets, sendo-lhe depois comutada essa pena pela de 10 anos de prisão. A' direita, o vigario geral Butchkaitch, fuzilado recentemente por ordem dos mesmos soviets



A sessão inaugural do Congresso Feminista de Roma em que Mussolini (1.º plano, á esquerda, de costas) se comprometeu, em nome do governo fascista, a conceder, ás mulheres italianas, o direito de voto, em materia administrativa. Na oval, representante portugueza no Congresso, D. Adelaide Cabete



Norberto Lopes

"A Filha de Lazaro," no Politeama



Chianca de Garcia

COMEÇAMOS por lamentar que a critica não tivesse feito a minima referencia á magnifica tragedia *O Brasileiro Pancrácio*, representada

ha oito dias no Fden, depois de vinte e cinco anos de ausencia. O proposito de prejudicar as peças portuguezas, para favorecer as traduções, mais uma vez se evidenciou. Aqui fica a denuncia e o nosso veemente protesto, como autores muito notaveis, que somos, de alguns originaes já levados á scena e de outros que terão igual destino, se Deus nos der vida e saude. Adeante.

Certo sabeis que dois endiabrados *bébés*, os meninos Norberto Lopes e Chianca de Garcia, em vez de brincarem com soldadinhos de chumbo, como era proprio da sua idade, se entreteram a escrever um drama chamado *Filha de Lazaro*, o qual foi ouvido, com surpresa de muitos e inveja de alguns, no teatro Politeama, em recita dedicada á actriz sr.^a D. Ester Leão. Dêsse drama vamos dizer as gracinhas que pudermos, esperançados em que desta vez lidamos com duas pessoas suficientemente sagazes para não confundirem o humorismo com a maledicencia, ao contrario do que tem acontecido com outras, ou cegas pela vaidade, a ponto de se julgarem intangiveis, ou avessas a leituras estrangeiras — se não teriam visto que nem as peças mais celebres se tem livrado da *blague* — ou, emfim, tão inexperientes que amam, como caloiros, com os piparotes dos estudantes mais velhos.

Os dois citados pequerruchos começaram a sua educação primaria pela soletração da *Figlia di Jorio*, do bem conhecido Gabriel d'Annunzio — um que é tu cá, tu lá, com o Antonio Ferro — e logo tiveram a idéa de tentar o teatro rustico, a questão estava em encontrar nos nossos Abruzzos uma cachopinha que tivesse sofrido muitas infelicidades, e nos nossos palcos uma actriz que tivesse a coragem de representar um original de duas crianças. Ora, como ao menino e ao borracho põe Deus a mão por baixo, adregaram de topar com as duas criaturas, sendo a primeira a joven Belisaria, filha de um gafado trasmontano, e a segunda a sr.^a D. Ester Leão, que, pelos seus dotes e outros requisitos, é a camponesa mais completa que frequenta o *Rendez-vous des gourmets* e se veste do *Paris em Lisboa*.

Belisaria é pessoa de bons sentimentos e asseada, como prova expando ao publico o pae leproso vestido de Papuss e envolvido em nastroz brancos de neve — mas não se atreve a declarar o seu amor ao moço Rezio, filho de Ribas, porque, muito lida em sciencias medicas, receia contagia-lo com a enfermidade hereditaria.

No isolamento da sua choupana de pano pintado, enquanto acende com fosforos de luxo os gravetos da lareira, o ciume vae-lhe roendo as entranhas, até que

num dia de chuva a potes, sabendo que o Ribas destina o filho a outra mulher, não mais tem mão em si: sae, encontra a rival, agarra-se-lhe ao pescoço e obriga-a a fugir em tão má hora que a infeliz precipita-se por uma ribanceira e morre duplamente afogada, pelo aperto do gasnete e pela corrente impetuosa das aguas.

Por seu lado o Rezio está doidinho por Belisaria. Livre da espiga que o pae lhe queria impingir, emancipado, porque já entrou nas *sortes*, dono do casebre onde vive a escolhida do seu coração de pombo, resolve procura-la no domicilio, do que resulta uma scena muito para se ver e ouvir: a confissão mutua do estado amoroso das respectivas almas, os escrúpulos da filha do gafe, a atracada de todo o bom portuguez quando se encontra a sós com toda a boa portugueza, uma cama ali, á mão de semear e, por fim, o desmancha-prazeres do Lazaro pondo ponto ao apetitoso dialogo e passando num abrir e fechar de olhos ao estado de cadaver!

Continua depois a terra a girar monotonamente no eixo, mas á sua superficie algumas modificações se realisam, entre as quaes a união, de casa e pucarinho, de Belisaria e Rezio, e a hipoteca dos bens do Ribas. Este, attribuindo os seus azares ao procedimento filial e como o pae da afogada o sugestione, está resolvido a dar uma chumbada no rapaz. Debalde a companheira lhe diz que deve attribuir as suas desgraças a castigo do ceu, pois que foi roubando que ele angariou os bens; não — a espingarda lá está ao canto da parede, desde o 1.^o acto, para a plateia supór que o desfecho é tragico, e para ela olha de soslaio o pae da morta... E o caso é que, se os autores não tivessem receio de responsabilidades e de ficarem com mais uma morte ás costas, a peça seria *d'annunziana* até ao fim, o Rezio iria desta para melhor e o publico nunca mais poria os pés no Politeama, porque para tristezas bem bastam as da vida real. Mas os dois pequenos atemorizaram-se e ainda bem para eles. Recorrem á Belisaria, que se declara mãe de um petizinho todo medio e saudavel e recorrem ao proprio Rezio, que se oferece para pagar as dividas paternas e continuar a empregar os maiores esforços na propagação da familia Ribas. Sobre estas declarações desce o pano, com satisfação geral e em particular do abaixo assinado, porque a peça termina á meia noite, isto é, muito a horas de apanhar o electrico, de ir ao palco distribuir felicitações aos autores e aos artistas, srs. Robles Monteiro, Raul de Carvalho e D. Ester Leão, e de aconselhar esta a matricular-se numa cadeira de pronuncia trasmontana que vae abrir-se brevemente no Conservatorio e de que são professores, proprietario e substituto, aqueles dois actores.

Mário COSTA.

SEARA



—Olha lá: tu não darías gorgeta a mais ao bengaleiro?...

—Se te parece... Um esplendido sobretudo como este... que nunca foi o meu!...

(De *Bueno Humor.*)



Bem vistas as coisas...

—O marido, minha querida, ainda é aquele a quem a gente se vê forçada a mentir menos...

(De *Le Journal.*)

ALHEIA



—Sabes que tenho mais um garoto?

—Que Deus o crite para bem. E tua mulher como está?

—Por enquanto, bem. Mas quando souber!...

(De *Pasquino.*)



—E estás contente com o teu papel n'esta peça?
—S' te parece!... Duas *tolletes* splendidas e uma entrada quasi nua, sem *maillot!*

(De *Le R.*)



—Porque não o avisaste de que deixou ficar ali a luva?...

—Porque julguei que tinha deixado ambas...

(De *L'Intransigeant.*)



—Permite-me, minha senhora, que a acompanhe?...

—Muito obriga a, mas não sou cantora...

(De *Le Matin.*)



—Não pude vir hontem á escola, porque estive doente. Fiquei em casa.

—Mas o João disse-me que te tinha encontrado e até que tu lhe tinhas batido...

—E' mentira! Ele é que me bateu primeiro.

(De *Le Petit Parisien.*)

Sociedade de Beneficencia Portugueza do Rio de Janeiro



A nova direcção, que tomou posse recentemente

Da esquerda para a direita, sentados, srs.: Francisco Pereira dos Santos, sindaco; Jaime Luiz da Cunha Soto Maior, tesoureiro; visconde de Moraes, presidente; Humberto Taborda, secretario; José Antonio de Sousa, vice-presidente. De pé, ao centro, o sr. José da Silva Rainho, presidente da direcção cessante, tendo, á sua esquerda, o sr. Antonio Almeida Pinho, procurador da nova direcção



Assistencia á sessão em que foi empossada a nova direcção

Entre outras pessoas vêem-se, na nossa fotografia, a sr.^a embaixatriz de Portugal, (3.^a senhora a contar da esquerda) tendo á sua esquerda a esposa do sr. José da Silva Rainho, o sr. visconde de Moraes e o sr. dr. Joaquim Pedrosa, chanceler da nossa embaixada

Página



Nos claros e dourados dias de verão, a sombrinha, coquetta, graciosa, recamada de fantasia e originalidade, torna-se este ano imprescindível, segundo no-lo declara a moda.

E que surpreendente coleção de modelos de uma graça inédita nos é este ano apresentada pelos criadores do *viva chic parisien!*

Elegante



Um rapido exame dos modelos, que alindam esta pagina, habilitará as leitoras a formarem uma idéa da caprichosa fantasia com que no momento que passa se combinam e guardam esses encantadores elementos da *toilette* que são as sombrinhas.

E como nenhuma mulher gentil prescindir, nestes dias de sol, de uma linda sombrinha...



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A' BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

BONECAS QUE AMAM, por Luiz de Oliveira Guimarães

Luiz de Oliveira Guimarães é o poeta das feminilidades ironicas, o cronista dos *bônidoirs* elegantes, no que eles tem de mais capitoso e mais intimo, o anotador dos caprichos da moda, o amavel literato que as mulheres procuram e adoram, pelo menos em espirito, ainda mesmo, (ou por isso mesmo) quando ele lhes faz cocegas, com o seu calamo, que é como se fosse uma longa e aurifulgente pena de pavão, percorrendo, ao de leve, o colo, a nuca, as palpebras da eterna e gentil leitora. Este livrinho das *Bonecas que amam* forma o um rosario de coisas madrigalescas, de comentarios quasi satiricos por vezes, de impressões versificadas em que a volupia e a fantasia se confundem. São versos, muitos dos quaes desobedecem aos preceitos da metrica, é certo, mas parece que propositadamente, visto que Luiz de Oliveira Guimarães escreve os segundo todas as regras, quando isso lhe apetece. Porque os erra então? Ele o diz logo de inicio:

Que os meus versos estão errados?
Mas minha filha, que queres?
Não te tenho dito sempre
Que os meus versos são mulheres?

BALÕES VENEZIANOS, por João Ameal

Novelista e cronista, João Ameal cativa-nos, principalmente, sob este ultimo aspecto. Ele proprio confessa que sempre teve pela cronica «uma singular simpatia intelectual» e define-a, logo no inicio dos *Balões venezianos*, com a agudeza, a elegancia, a arte de um cronista de raras e preciosas faculdades que, elogiando este genero literario, o cultiva como um mestre. Porque são, sem exagero, magistraes as cronicas de João Ameal e em que, atravez do seu temperamento, da sua imaginação, do seu estilo tão pessoal, vemos os factos e os comentarios dos factos que lhe servem de tema, afigurando-se-nos, muitas vezes, novos e ineditos, de tanto interesse ele os sabe revestir. *Balões venezianos* são anotações, ora scintilantes de espirito, ora passadas de ternura e comoção, á vida que passa; o cronista procura o assunto da cronica no que quer que seja, desde o mais gentil ao mais grave, e sucede que, com frequencia, a falta de assunto o força a trocar as mais belas cronicas. João Ameal não se circumscreve, como cronista, a referir e a apreciar as coisas e as pessoas da nossa terra; transpõe as fronteiras, se é que elas existem para a cronica, e diz-nos o que pensa de outros individuos e dos acontecimentos lá de fóra com a penetrante subtilidade de um psicologo e o requinte estetico de quem sabe e afirma que «as cronicas são como as borboletas—azas impressionistas, vãos nomadas, peregrinações insaciaveis, a duração ligeira das

MARIA BARBARA.—As creanças devem tomar banho todos os dias. Quando são muito pequeninas, o banho não dura mais de 5 minutos e a temperatura é de 23° pouco mais ou menos. Enxuga-se bem o corpinho. Os banhos da noite é cálido e pode durar uns sete minutos sendo a temperatura de 20° a 32°.—D.

A lavagem da cabeça deve ser feita uma vez por mez. Contra as «peliculas» no casco emprega-se o linimento seguinte:

Terebentina.....	15 grammas
Amolçaco.....	8 "
Alc. ol. canforado.....	100 "

D.

DESTERRADO.—Não melhorou. O assunto está mais que tratado e bem. A impropriedade de termos mantém-se. Exemplo: «uma onda de sangue envolveu o cerebro do pobre marido» etc. O mesmo sucede com os legares comuns. Exemplos: «percia-lhe ouvir um rumor de vozes abafadas»; «impellit por uma força misteriosa», etc., etc. Em resumo, desde a idéa, até á sua exteriorização litteraria, tudo... em segunda mão. Veja se consegue produzir obra nova.

H. P.—E' o sr. A. P. um poeta ainda indeciso, mas... poeta, sem duvida. Dos seus sonetos publicaremos a terra de promissão, se substituir o «Apostolo» (a mitlogia aqui é de mau gosto), e se der outra designação á sua patria da sua cma a: pequenita, naquela passagem, é ridiculo. E já que estará com as mãos da massa não diga que ela tem olhos magicos, de fada. E' uma vulgaridade.

petalas» *Balões venezianos* são editados pela Coimbra Editora, Limitada.

AFRICA NOSTRA, por Augusto Casimiro

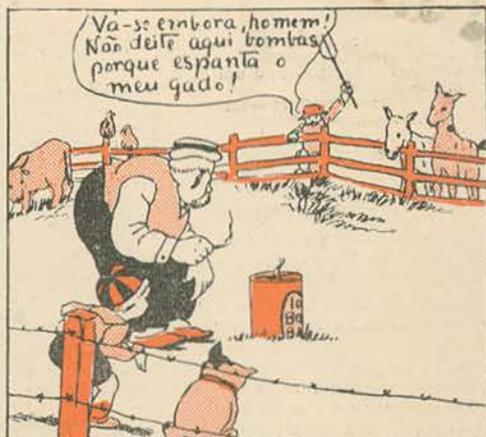
Poeta, prosador, soldado da grande guerra em Africa e em França, Augusto Casimiro é dos homens de letras que com maior brilho tem contribuido para a bibliografia relativa ao concurso prestado pelos portugueses áqueles que se bateram contra os imperios do centro. De entre os seus livros que se relacionam com a conflagração mundial mencionaremos *Nas trincheiras da Flandres*, *Calvarios da Flandres* e *Sidonio Paes*. Este novo volume intitulado *Africa nostra* é a vida do guerreiro-poeta no continente negro, começando por um admiravel «esboço de novela» que se intitula *A nova largada* e proseguindo em quadros surpreendentes de colorido e movimento, que alternam com paginas de um curioso e impressionante diario. Lendas, costumes, tradições, paisagens, episodios das lutas colonias e guerreiras, tudo serve de tema ao artista requintado, tão vibrante na prosa como no verso, como é Augusto Casimiro. A sua grande alma, de uma delicadissima sensibilidade, reflete-se em cada pagina, em cada lembrança; no traçar as suas memorias, os perfis dos companheiros ou daqueles com quem houve de conviver avultam tocados pela bondade magica do evocador. *Africa nostra* é um livro que deleita e ensina. Lemol-o com prazer e proveito. Amal-o-hão particularmente os que algum dia experimentarém os tormentos e os encantos da aventureira existencia colonial, civilisando, combatendo ou missionando. A edição é da casa Coimbra Editora, Limitada.

A. A.



PAGINA INFANTIL

EM VESPERAS DE SANTO ANTONIO





ESFINGIA



Fomos parar ao Tyrol,
Consultámos um cometa,
Entrámos até p'lo sol,
Visitámos um planeta — 2

Nosso vigor não cessava,
P'lo contrario, ia avançando:
.....
Quem saber onde estava?
Sobre as aguas flutuando.

Club do Silencio

Decifração das produções publicadas no numero transacto:

Enigma: Lueta.
Charadas em verso: Adeus — C - rato — Família — Jaeco.
Enigma pitoresco: O casamento é um nó que dá a morte o desata.
Charadas em frase: Jornalista — Carapinhada — Villa Real.
Logogrifo: Impossível esquecer-te.

ENIGMA

(Dedicado ao sr. João Martins Botelho)

Tem seis letras o meu todo,
Tem seis letras d'entre as quaes
Consoantes quatro são,
E as outras duas vogaes.

A terceira, segunda e prima,
Objecto muito usado,
Tremeu-me nas mãos por vezes,
Quando fui examinado.

Pois a sexta, quinta e quarta,
Em noites de bom humor,
São belos os seus efeitos,
E de inverno dá calor.

As ultimas duas dão
De cada grupo de trez
E ao contrario, um fenomeno
Que se encontra multa vez.

E as duas primeiras que
De um dos grupos se tirar
Repetidas, dão tambem
Um nome bem popular.

Ainda as ultimas duas
Lidas de traz para a frente,
Repetidas, é defelto
Que apoquentá multa gente.

O decifrador verá
Que muitas vltas dará
Para encontrar este X,
E do vicio enebriante
De que sou parte integrante
Se o não tiver é feliz...

Zinom

CHARADAS EM VERSO

Del ha tempos um passeio
A sitio que jamais vi,
Nunca mais lá voltarei,
Posso jurar-vos aqui — 1

P'ra não andar muito a pé,
Pois são fracos os meus melos
Aluguel velho jumento,
Em pélo, sem ter arrelos — 2

Apanhei mais trambulhões,
Que se andasse numa guerra...
E jurei jamais voltar
A tão extravagante terra.

Lua do mar

Já corremos terra e mar,
C'ntiuhos de Portugal,
A' procura sem achar,
Desta nota musical. — 1

(Ao distinto colega do «Dó sustenido»)

Vimos ha tempos num livro,
Uma historia interessante,
(Veja á se pode ser!)
Um reptil nada possante — 1

De batuta bem alçada — 1
Conseguiu por uns momentos,
Uma jota equilibrar — 2
No conjunto de instrumentos.

Dois liricos

ENIGMA PITORESCO



José do Nascimento

CHARADAS EM FRASE

Qualquer pessoa de pessimo character
devia subir ao patibulo — 2 — 2.

Semorano

Não é contra o prodigo que trabalha
este magistrado — 1 — 3.

Oliques

(Ao charadista, cujo pseudonimo é a decifração)

Ao pé do rio Tejo encontrei este charadista — 2 — 2.

Jogoo

(Ao grande Sefar)

Visto aceitar o lirio com delirio, conceda outra flor semelhante ao narciso — 1 — 1 — 1.

Diogenes

LOGOGRIFO

Num triste dia d'inverno
Chelo de nevoa, detestavel, — 8 — 5 — 11
— 2 — 12 — 6 — 9
Uma d'ma caminhava — 6 — 9 — 1 — 12
Sem abafio confortavel.

Imersa em seus pensamentos,
Sem a noção do que via — 3 — 13 — 5 —
10 — 12

Foi sentar-se junto ao rio
E com desvelo sorria, — 11 — 14 — 8 — 4
— 12 — 6 — 7

Recordava com amor
O findar de certo dia
Gravado na sua mente,
Por qué? Só ella o sabia...

Mourão

Liana

QUADRO DE HONRA

Sobrac Sier — Luz do mar — Dama occulta — Sagar — Principe Ante — Tia Aldina — Pam — Eni a — Dr. Salolo — Do 46 — S. Palo — S. pol — Club do Silencio — Pintá Scenas — C. Sillel — Sorrab — Violeta — Uma hi-terica — Alram Seraos — Sarg into cronico — Mestre esco a — Um p rtuense — Tiduj — Manoel Simões — Olram Atsoe — Frasão & Janes — R. Alvim

Campeões decifradores do penultimo numero

Indicações uteis

No proximo sabado salirão publicadas na *Ilustração Portuguesa* as decifrações das produções insertas neste numero.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

Só é conferido o Quadro de Honra a quem envle todas as decifrações exatas, que deverão ser entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Roelo.

Todas as produções devem vir escritas em separado e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinta da China.

Os originaes, quer sejam ou não publicados, não se restituem.